

As dinâmicas territoriais dos roqueiros em Sobral: A territorialização sob a perspectiva da Geografia oral.

Luis Carlos de Souza Lima¹

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: professorllima@gmail.com

Nilson Almino de Freitas²

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: nilsonalmino@hotmail.com

Palavras-Chave: roqueiro; Espaço urbano, Territorialização

INTRODUÇÃO

Compreender a complexidade da vida no espaço urbano pressupõe o exercício de uma percepção que extrapole categorias analíticas fixas, definitivas e essencialistas. Se os papéis e os usos da cidade se misturam, cabe ao pesquisador lançar mão de uma gama de categorias de análise que lhe permitam ampliar sua visão sobre a realidade estudada. Assim, pensaremos as práticas dos grupos “roqueiros”, presentes na cidade média de Sobral/CE, na definição de espaços de sociabilidade, reconhecimento social da urbe e campos demarcadores de memórias nas lutas pela presença e a disputa de espaços que evidenciam o encontro e o confronto dos diferentes modos de (vi)ver a cidade. As práticas dos grupos urbanos, ou “tribos urbanas”, evidenciam a definição de espaços de sociabilidade nas construções cotidianas e campos demarcadores de memórias. Aprender com o grupo é um exercício imprescindível para revisão conceitual e inovação teórica. Neste sentido, construímos um diálogo entre teoria e prática, na tentativa de pensar o urbano para além de um olhar homogêneo que pense funcionalidades fixas para os espaços ocupados pelo grupo em foco. A proposta da pesquisa é apreender a heterogeneidade do espaço urbano (des)organizando o conceito de lugar, que deixa de ser definido no modelo essencialista e totalizador. Desta forma, temos como objetivo pensar alguns instrumentais teóricos para compreender como grupos roqueiros da cidade de Sobral/CE agenciam práticas de territorialização na urbe, colaborando com uma geografia cultural desta cidade média cearense

METODOLOGIAS

Ao entendermos a narração como forma de linguagem embasada em uma tríade: tempo, espaço e experiência (TEDESCO, 2004), definimos a “Geografia Oral” como método de análise, tomando a proposta da Cápsula Narrativa, a partir de Caldas, como metodologia que dará os resultados esperados em uma pesquisa que se fundamenta, em larga escala, em entrevistas. Aqui

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, possui graduação em História.

² Professor da área de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA/Sobral-CE; Coordenador do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME; Coordenador do Programa de extensão Visualidades; Professor do Mestrado Acadêmico em Geografia da UVA – MAG; Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

não entendemos a entrevista como registros de informações objetivas. Compreendemos como um diálogo entre dois sujeitos que, minimamente, compartilham experiências e afectos. O pesquisador é afetado de alguma forma por esta sinergia compartilhada com o interlocutor em um determinado lugar e em um tempo específico, e sistematiza em forma de registro a ser interpretado.

PROBLEMATIZAÇÃO

Pensar uma identidade, nos remete, quase sempre, a uma territorialização, assim como a territorialização permite, de certa forma a permanência identitária. É o espaço delimitado vai proporcionar a materialização de objetivos, ou a visibilidade dos diferentes grupos sociais, em diferentes escalas.

Corroborando Raffestin (1993), acreditamos que é no território que se estabelecem as relações de poder, ou seja, o território é fundamental para a construção e fruição de produtos das ações dos atores sociais que, ao se apropriarem do espaço, produzem sistemas de representação dos seus processos sociais vinculados a identidades, sempre objetivados no espaço. *“Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores que produzem territórios”* (RAFFESTIN, 1993, p. 152). Nesse sentido, a territorialidade teria *“senso de identidade espacial, senso de exclusividade, compartimentação da interação humana”*, sendo pensada *“como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade”* (RAFFESTIN, 1993, 161-162).

Desta forma, acreditamos ser possível perceber a cidade como uma teia de relações, onde são traçados múltiplos processos de identificação. Ao falarmos de Cidades, corroboramos o pensamento de Lefebvre, quando o mesmo afirma que:

“Consideramos apenas a cidade arcaica (grega ou romana) de que partem as sociedades e as civilizações ditas ‘ocidentais’. Esta cidade resulta geralmente de um *sinecismo*, reunião de várias aldeias ou tribos estabelecidas num território” (LEFEBVRE 2001, p.36)

As cidades, portanto, são vistas como cenários de confrontos e das mais diversas experiências dos tantos sujeitos que são constantemente atingidos por discursos disciplinadores institucionalizados. Tais sujeitos inventam em seu cotidiano estratégias de usos que ressignificam a cidade e suas práticas.

Toda a diversidade social produzida pela cidade determina, também, o constante encontro com o “outro”. Nesses encontros ocorrem, necessariamente, convivências pacíficas, trocas de informações, identificações, etc., que causam uma instabilidade identitária, ou a negação e o conflito, o que acentua a necessidade de se resguardar aspectos e atributos identitários. As

identidades, assim, disputam seu lugar no espaço, procuram se territorializar, definindo as pessoas pertencentes àquele grupo e àquele território e segregando ou sendo segregadas de/por outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade média se apresenta, cada vez mais, como o espaço das experiências, do lugar vivido. A sociabilidade está fincada nos corpos, nos lugares, em organizações. É traduzida em atos comuns do cotidiano, nos lares, trabalho, no lazer. Os espaços são vividos por sujeitos, por grupos que os compõe e o marcam de forma simbólica, estabelecendo os seus territórios, seus lugares de sociabilidade.

As práticas dos grupos urbanos evidenciam a definição de espaços de sociabilidade nas construções cotidianas e campos demarcadores de memórias. Contribuindo de forma significativa na territorialização da urbe. Entendemos a identidade como um fluxo de experiências compartilhadas por diferentes sujeitos sociais que estão, todo tempo, criando espacialidades que se movimentam. Neste caso, a identidade é muito mais um desejo de ser, do que um ser definitivo. Logo a Geografia se torna o campo da memória social territorializada, visto que os grupos “demarcam simbolicamente a urbanidade, na medida que assumem conteúdos significativamente construídos. Tornam-se representações espaciais e históricas, relacionadas com o processo de construção social da identidade da sociedade, (KNAUSS, 2003). Entretanto, é uma construção fluida, em constante transformação.

A territorialidade é definida no contexto do encontro entre pessoas e grupos, assim como valores e práticas múltiplas constituindo uma sinergia. Já não basta mais estudar a cidade, a espacialidade, os territórios considerando apenas um viés objetivo. Assim, acentuamos a forma como a Geografia oral abre espaço para uma análise subjetiva da relação dos indivíduos com o espaço, seus símbolos, representações e sentimentos. Ainda em fase de amadurecimento e tendo em vista que entendemos espaço e lugar, na perspectiva de Michel de Certeau (1998), onde o mesmo nos alerta que “*o espaço é um lugar praticado*” (CERTEAU, 1998, P.202), a pesquisa não define claramente o que é território roqueiro na cidade de Sobral, dado a complexidade e subjetividade dos conceitos,

AGRADECIMENTOS

A CAPES pela concessão de bolsa de pesquisa, a Coordenação e todo o corpo docente e discente do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - MAG, em especial ao meu orientador Nilson Almino de Freitas e ao Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME pelo apoio logístico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, Alberto Lins. **Espaço e Experiência**: História Oral e Geografia Humana. Revista Online Zona de Impacto, ISSN 1982-9108: Vol.8, Ano VIII, 2006. Acessado em <http://www.albertolinscaldas.unir.br/espacoexperiencia.htm>
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHACON, Paulo. **O que é Rock**. 5ª edição, São Paulo: Brasiliense S/A, 1989.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. França. São Paulo: Ática, 1993.
- KNAUSS, Paulo. **Sorriso da cidade**: imagens urbanas e história política de Niterói. Niterói; Fundação e arte de Niterói, 2003.
- LEFÈBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Centauro, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme Cantos. **Tribos urbanas**: metáfora ou categoria? In Cadernos de campo, revista dos alunos de pós graduação em antropologia, departamento de antropologia FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, Nº 2, 1992.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- RELPH, Edward C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. In revista de Geografia, 4 (7): 1-25, abril s/d.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória**: Temporalidade, Experiência e Narração. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.